

■ DOSSIÊ - ARTIGOS

■ Entre flores, borboletas e joaninhas – Representações da deficiência na literatura infantil brasileira

 *Débora Cristina Sales da Cruz Vieira* *
Cristina Massot Madeira-Coelho **
Carolina Helena Micheli Velho ***

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar representações da deficiência em obras de literatura infantil brasileira. Os estudos de Vigotski (1997) sobre desenvolvimento atípico, presentes na obra *Defectologia*, nos servem de apoio para esse breve estudo. Ressalta-se o princípio que considera a distinção entre o caráter primário do defeito que está relacionado à perspectiva biológica e um caráter secundário relacionado ao impacto social desdobrado do defeito primário na vida da pessoa. Pessoas com deficiência estão inseridas em contextos sociais e tomam consciência de suas limitações e potencialidades de desenvolvimento nessa relação. Para compreensão desse princípio que articula em unidade aspectos individuais e sociais optamos nesse texto por trazer a literatura infantil, compreendida como arte, ou seja, como técnica social do sentimento, em que o autor também assume uma abordagem dialética na relação entre o individual e o coletivo na experiência estética. Desse modo, a análise interpretativa desta pesquisa, baseada em cinco obras de literatura infantil brasileira, possibilitou categorizarmos três dimensões, a saber: a) deficiência como falta ou diferença da normatividade, destacando o papel do social no desenvolvimento; b) deficiência numa perspectiva eussêmica que se orienta para as potencialidades de desenvolvimento, apresentando possibilidades e novas formas das crianças em lidar com as novas situações sociais de desenvolvimento; e c) deficiência como condição especial de desenvolvimento, mas não como único fator.

Palavras-chave: Deficiência. Teoria Histórico-Cultural. Literatura Infantil. Literatura Infantil Brasileira. Experiência Estética.

* *Débora Cristina Sales da Cruz Vieira* é graduada em Letras - Português/Espanhol pelo Centro Universitário de Brasília (1998), especialista em Educação Infantil pela Universidade de Brasília - UnB (2012), mestre em Educação pela UnB (2015), doutoranda em Artes Cênicas UnB. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: deborasalesvieira19@gmail.com

** *Cristina Massot Madeira-Coelho* é graduada em fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá (1981), mestre em Lingüística (1988) e doutora em Psicologia (2004), pela Universidade de Brasília – UnB. Professora-adjunta da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília. Contato: cristina.madeira.coelho@gmail.com

*** *Carolina Helena Micheli Velho* é mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2016). Professora de pós-graduação do Instituto Saber e coordenadora do CEI - Cultura, Educação e Infâncias. Contato: carolvelho@gmail.com

Primeiras palavras

A literatura, seja infantil, infanto-juvenil, adulta ou senil, para quem gosta de adjetivos etários, nesse caminho ela acaba propiciando a todos nós como bagagem para levar para a vida, numa busca pelo sentido da vida, além de todo o aprofundamento que permite, é essa formação de repertório de experiências variadas de outras pessoas em outras situações.

Ana Maria Machado¹

Os estudos de Vigotski (1997) sobre desenvolvimento atípico, presentes na obra *Defectologia*, nos servem de apoio para esse breve estudo. Ressalta-se o princípio que considera a distinção entre o caráter primário do defeito que está relacionado à perspectiva biológica e um caráter secundário relacionado ao impacto social desdobrado do defeito primário na vida da pessoa.

Pessoas com deficiência estão inseridas em contextos sociais e tomam consciência de suas limitações e potencialidades de desenvolvimento nessa relação. Para compreensão desse princípio que articula em unidade aspectos individuais e sociais optamos nesse texto por trazer a literatura infantil, compreendida como arte, ou seja, como técnica social do sentimento, em que o autor também assume uma abordagem dialética na relação entre o individual e o coletivo na experiência estética.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar representações da deficiência em obras de literatura infantil brasileira. Nesse sentido, compreendemos a interpretação, conforme Ricouer (1999), como todo o processo que abarca a explicação e a compreensão de forma dialética aplicada às questões escritas, pois os textos literários implicam horizontes potenciais de sentido de diversos modos.

O texto está organizado em quatro tópicos, conforme: a) Defectologia que aborda os aspectos da psicologia do desenvolvimento atípico na Teoria Histórico-Cultural; b) literatura como arte verbal que traz um aporte conceitual de literatura e dispositivos pedagógicos para organização do trabalho pedagógico com literatura infantil; c) um breve inventário com obras de literatura infantil brasileira que abordam a temática da deficiência; e d) as categorias levantadas pela análise interpretativa das obras articuladas ao conceito de deficiência na Teoria Histórico-Cultural.

Defectologia - aspectos da psicologia do desenvolvimento atípico

O mundo é complexo, assim como a sociedade, a história e vida são complexas, e é preciso pensar. E, para pensarmos bem, temos que ter uma bagagem de repertório. Ana Maria Machado

O autor soviético, Vigotski, defendeu a tese de que a deficiência não é uma questão individual decorrente de determinações biológicas, mas sim uma construção social derivada do confronto da condição biológica da criança com o meio socio-cultural em que ela vive. Seu texto *Fundamentos da Defectologia* (1997) estabelece o estudo científico do desenvolvimento alterado por alguma condição atípica, seja ela orgânica, genética, sensorial ou decorrente de outras circunstâncias. Até aqueles momentos, os estudos sobre desenvolvimento atípico não faziam parte das preocupações da ciência, restringindo-se

a compreensões decorrentes de práticas e, muito provavelmente, pelas concepções e valores de menos valia conferidos socialmente às pessoas com deficiência.

Nessa obra, o autor critica as concepções quantitativas sobre o desenvolvimento infantil que se baseavam em cálculos e medidas, pois, até aquele momento, o trabalho com crianças com deficiência reduzia-se à identificação e mensuração de níveis de desenvolvimento em uma perspectiva comparativa a escalas idealmente padronizadas.

Tais premissas comparativas, inevitavelmente, decorriam da articulação direta entre uma constituição física ou sensorial diferenciada com níveis inferiores de desenvolvimento. Segundo Vigotski (1997), a questão não deve ser compreendida a partir da quantidade, já que, por si só, a constituição física ou sensorial diferenciada não estabelece formas de desenvolvimento quantitativamente diferentes.

Para o autor, ao longo do processo de desenvolvimento, seja ele atípico ou não, vão ocorrer processos que, ancorados na cultura e na história, possibilitam compreender a diversidade de formas humanas de desenvolvimento. Assim, a compreensão sobre o desenvolvimento não deve estar pautada na quantificação do que a criança seja ou não capaz de fazer, mas na compreensão qualitativa que o desenvolvimento psíquico assume frente aos desafios impostos pela característica peculiar da pessoa que se desenvolve.

É dessa forma, no contato com o contexto sociocultural, que a singularidade biológica passa a ser considerada como uma deficiência. Superar a concepção de desenvolvimento como decorrência direta de aspectos fisiológicos foi essencial para a ampliação da compreensão do desenvolvimento.

Com a Defectologia, propõe-se uma compreensão dialética entre o biológico e o social, em que os sintomas da alteração primária, biológica, serão vivenciados na relação da criança com o ambiente social, histórico e cultural, desdobrando-se em processos secundários, terciários, que engendram a deficiência (MADEIRA-COELHO, 2015, p. 66).

Diferentemente de outras perspectivas do estudo e da atenção às pessoas com deficiência que partiam de noções assistencialistas e concepções místicas, para Vigotski, mesmo que, inicialmente, a situação da deficiência implique a criança em uma condição de relativa vulnerabilidade nos contextos e espaços de sua experiência de vida, essa mesma situação impossibilitadora apresenta o potencial desafiador para o surgimento de novas formas de enfrentamento, geradas frente aos impedimentos decorrentes do defeito, aspecto incorporado por Vigotski com o conceito de compensação.

A ideia do movimento compensatório foi originalmente desenvolvida por Adler (1907) na obra *Study of Organ Inferiority and Its Physical Compensation*, mas a partir de um caráter universal e individual, concepções veementemente combatidas por Vigotski (1997). A compensação na obra vigotskiana não se refere a um órgão ou parte do organismo que pretensamente assumiria a função do órgão deficitário, mas indica para a unidade entre as (im)possibilidades sociais e o desenvolvimento de uma "sobre-estrutura" psíquica favorecedora da produção de novos caminhos de desenvolvimento, qualitativamente diferenciados do desenvolvimento padrão.

Assim, para Vigotski, o conceito de compensação assume que a insuficiência orgânica desempenha duplo papel no processo de formação da personalidade da criança: ao lado da limitação imposta pelo problema em si, há a criação de estímulos para a elaboração de um movimento compensatório, que determina um caráter criativo ao desenvolvimento compreendido como processo histórico-cultural. (MADEIRA-COELHO, 2015, p. 67).

Dessa forma, ao realçar o valor da unidade social-individual para desenvolvimento psicológico da criança com deficiência com o conceito de compensação, Vigotski (1997) sinaliza a condição para a emergência da compreensão do papel do sujeito como parte dinâmica e ativa em seu processo de desenvolvimento, alguém capaz de gerar novos caminhos de rodeio no enfrentamento de desafios e adversidades.

Literatura - Arte verbal

Acho que o livro é uma caixinha de surpresas para a criança. Cada vez que vira uma página, ela encontra uma coisa diferente. O livro desperta curiosidade, vontade de entrar naquele universo de faz de conta, ainda mais se a criança está acostumada a que lhe contem histórias.

Ana Maria Machado

A linguagem narrativa se constitui como elemento decisivo na estruturação da matéria literária, pois lhe dá presença definitiva. Desde a antiguidade, a linguagem narrativa em prosa ou verso foi valorizada como instrumento de persuasão moral ou de conscientização política e religiosa, devido à instintiva fascinação que o ato de ouvir histórias sempre exerceu sobre a humanidade. Não se pode ignorar que tudo aquilo que se escuta com interesse é mais facilmente compreendido e incorporado ao nosso pensamento (COELHO, 1984).

A literatura é uma linguagem específica e expressa uma determinada experiência humana, logo não pode ser definida com exatidão. Cada época, ao seu modo, apresentou uma produção literária diferente. Conhecer esse modo é descobrir a singularidade de cada um desses momentos da evolução da humanidade e, também, conhecer a produção literária voltada para a infância é desvelar os ideais e valores ou desvalores em que cada sociedade se fundamentou (COELHO, 2000).

Yunes (2005) ao discorrer sobre a literatura e a complexidade na contemporaneidade, considera o movimento subjetivo que a literatura, como arte, desencadeia nas pessoas, pois:

[...] mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocados a responder às impressões deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de co-mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido, mas uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo. (YUNES, 2005, p.27)

Vigotski (1999) afirma que as emoções desempenham imenso papel na criação artística – seja por imagem, quando elas são suscitadas pelo próprio conteúdo e podem ser de qualquer espécie: emoções de dor, tristeza, compaixão, indignação, condolência, comoção, horror, etc., etc., só que por si mesmas não são líricas. Mas a elas pode juntar-se a emoção lírica – de fora do conteúdo, precisamente pela parte da forma, se, por

exemplo, a obra de arte está revestida de forma rítmica, ou em verso ou em prosa, em que esteja observada a cadência rítmica do discurso. (VIGOTSKI, 1999, p.37)

Ressalta-se que a narrativa literária tem por base a imaginação e a emoção no seu processo de criação artística. O autor retoma elementos da realidade que o cerca ao produzir a sua narrativa sem desvincular-se da sua própria constituição e o leitor/ouvinte adentra no espaço de significação da obra por meio de seus próprios processos imaginativos.

Brandão e Rosa (2010) explicam que promover conversas em torno da atividade de leitura/escuta partilhada de histórias eleva a capacidade de compreender e apreciar histórias e que o papel do leitor mais experiente é fundamental, pois engaja os pequenos ouvintes na construção de sentido.

Esse momento de diálogo prévio e/ou final torna-se significativo à medida que é planejado previamente, pois sua finalidade não é avaliar a compreensão das crianças, mas “contribuir para o seu engajamento numa atividade de construção de sentido que pode ser partilhado, confrontado ou ampliado com base em outros sentidos igualmente construídos e expressos na conversa.” (BRANDÃO E ROSA, 2010, p. 43).

Apresentar o livro, explorar a capa e contracapa com as crianças no momento de preparação para a leitura do livro, assim como informações e fotos dos autores e ilustradores da obra trabalhada nos diálogos que antecedem a leitura, aproximam as crianças da obra. Estes procedimentos didáticos estabelecem um *modus operandi* de trabalhar literatura infantil com as crianças, que favorecem o letramento literário, pois vão agregando novos conhecimentos a cada novo livro ouvido. Entretanto, não podemos esquecer que a literatura é a arte.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p. 27)

Entendendo que o desenvolvimento humano se constitui por meio de sua consciência cultural, é relevante compreendermos a importância do papel que a literatura pode vir a desempenhar no desenvolvimento das crianças. Pois, a literatura, dentre as demais manifestações artísticas, é a que “atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam a sociedade e ou uma civilização” (COELHO, 2000, p. 128).

Coadunado com a ideia de Coelho (2000), percebemos que a representatividade da diversidade na literatura infantil, para além do caráter pragmático, pode se constituir como propulsora da experiência estética que a criança venha vivenciar no campo imaginativo, as diferentes realidades materializadas na obra literária e como ela pode favorecer aspectos de seu desenvolvimento.

Um breve inventário de obras de literatura infantil brasileira sobre a deficiência

Eu sou uma mistura de escritora com educadora. Acho que sou mais escritora que educadora, mas tenho uma coisa forte de educadora. Fico fascinada pela ideia de ensinar alguma coisa, mas, quando escrevo livros de literatura, sinto que o faço como escritora. Sinto que escrevo aquilo que sou. Ruth Rocha

A produção literária para crianças no Distrito Federal tem sido alavancada na última década, especialmente pelas condições favoráveis do emergente mercado editorial local, e, desse modo, vimos nesse campo um interessante ponto para o recorte das obras desta pesquisa. Ademais, as obras produzidas no Distrito Federal são adotadas com grande capilaridade nas unidades escolares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e, também, nas instituições educativas privadas. Favorece essa adesão o contato direto virtual ou físico das autoras com o seu público, ao realizarem visitas, contação de histórias, lançamento de livros e participarem de projetos literários nas instituições educativas.

Desse modo, neste tópico, iremos analisar as representações da deficiência em obras de literatura infantil brasileira, escolhidas por abordarem a temática da deficiência com a poética, compreendida aqui como lugar de constituição de ideias, concepções e representações, presente nessas referências bibliográficas. Outro motivo para a escolha está no fato de, sobretudo, essas obras se distanciarem da categoria de livros paradidáticos.

Livros paradidáticos, portanto, são obras literárias escritas para tratar determinado conteúdo, numa visão pragmática da literatura, que se tornam, na verdade, um pretexto para a abordagem do assunto em si, por serem empobrecidas esteticamente e, infelizmente, amplamente utilizadas em contextos educacionais. Categoria que não se aplica às obras de literatura infantil selecionadas para a composição deste breve inventário.

Outro ponto considerado na seleção dos livros foi que a autoria deles é composta exclusivamente por mulheres, educadoras e ativistas na área da inclusão e, nessa interface entre a docência e a escritura de livros literários, suas vivências e experiências imaginativas foram materializadas como gesto estético em suas obras, direcionadas aos seus leitores.

O primeiro livro analisado apresenta uma história que narra o encontro de Chico Jardineiro e os irmãos Maria Clara e Guto com uma florzinha que tinha pétalas de tamanhos diferentes de outras flores do canteiro e, por isso, mantinha seu caule encolhido. Na narrativa, o encontro muda a autoestima da Florzinha.

A autora utiliza a diferença das pétalas da florzinha como alegoria para tratar da deficiência em comparação às demais flores do jardim e a amizade das crianças como potencializador do desenvolvimento da Flor, destacando o papel do coletivo no desenvolvimento individual. Chico Jardineiro traz o discurso defendido pela autora sobre a inclusão no diálogo com as crianças, conforme:

- Minha pequena, você já viu que as pessoas não são iguais? Uma nascem com a pele branca, outras negras, umas têm cabelos lisos, outras encaracolados, e têm aquelas que nascem com alguma deficiência, e é com essas diferenças que convivemos no dia-a-dia. Todas têm o seu valor e a sua beleza, mesmo que não consigam perceber. (FRANCA, 2017, p. 11)

Com a chegada da florzinha na casa de Maria Clara e Guto, ela recebe novos cuidados, se desenvolve e seu caule se alinha, deixando de ser encolhida. O alinhamento do caule, percebemos como uma metáfora da autora de uma nova forma de enfrentamento que a florzinha produz, pois, mesmo com as pétalas diferentes, sentia-se plena, conforme o trecho:

Numa manhã de primavera, alguma coisa chamou a atenção de Maria Clara quando ela abriu a janela do seu quarto. A florzinha, que era toda encolhidinha, estava com o caule todo esticado como se quisesse dizer: EU ESTOU VIVA! SOU FELIZ! MUITO AMADA! E BEM CUIDADA! (FRANCA, 2017, p.18)

A história finaliza com a convivência da florzinha com seus pares do jardim, como abelhas, borboletas e pássaros admirando o seu perfume e cor, pois ela se sentia bem consigo mesma, conforme a autora bem colocou anteriormente.

O segundo livro analisado tem se configurado como uma obra clássica sobre inclusão, aqui no Distrito Federal, inclusive há diversos projetos pedagógicos disponíveis na internet utilizando essa obra como referência.

A história se passa em um jardim, onde todos os personagens são insetos e conversam entre si. Conta as aventuras de uma joaninha que não tinha bolinhas e era maltratada pelas outras joaninhas do jardim e seu plano com o besouro preto para dar uma lição às suas rivais. A ausência de bolinhas é a alegoria utilizada pela autora para ilustrar a questão da deficiência, e na relação da joaninha sem bolinhas com as demais joaninhas delinea o conceito de luxação social, no qual o sujeito é alijado do convívio social devido à sua deficiência, conforme: "Por isso ela era diferente. As outras joaninhas não davam "bola" pra ela. Cada qual com suas bolinhas, viviam dizendo que ela não era uma joaninha" (MELO, 1989, p. 4 e 6).

O momento de superação, da organização de um caminho de rodeio da joaninha sem bolinhas para enfrentar a situação social de preconceito se dá quando ela decide dar uma lição nas demais joaninhas, disfarçando o besouro preto de joaninha para confrontá-las.

No jardim, ninguém percebeu a diferença. E com festa receberam a nova joaninha. A joaninha sem bolinhas, que a tudo assistia de cima de uma folha, pediu um minuto de atenção e, limpando a pintura que disfarçava o besouro preto, perguntou: "Quem é a verdadeira joaninha?" (MELO, 1989, p. 18).

Essa pergunta da joaninha sem bolinhas levanta a questão preconceituosa que desqualifica a pessoa com deficiência, pois, mesmo não tendo bolinhas, ela era sim uma joaninha. O preconceito do grupo é evidenciado com o disfarce do besouro que, apesar de ter sido aceito imediatamente pelo grupo por ter bolinhas vermelhas, se mantinha como besouro.

O terceiro livro analisado traz uma história que narra a amizade de Júlia e Rita, uma criança com deficiência física que utiliza cadeira de rodas para locomoção. Diferente das outras obras citadas, esse livro traz crianças como personagens e, embora haja uma flor azul, que se destaca no jardim de flores amarelas de Júlia, é a personagem Rita que traz a questão da deficiência para a história com a sua chegada à escola. Narrada assim:

Na sala de aula, a professora apresentou uma nova aluna. Tímida e envergonhada, não quis saber de conversar com ninguém, ficava de cabeça baixa e erguia somente os olhos para ver o que se passava ao redor. A menina Rita não podia andar e nem se levantar. Ficava numa cadeira de rodas, olhando as crianças brincarem aqui e ali. (CORGOZINHO, 2012, p.10)

Com a amizade de Júlia, Rita começa a se relacionar com as outras crianças, o que potencializa o seu desenvolvimento, inclusive ajudando-a no cuidado do jardim, expressando suas possibilidades de aprendizagem.

Rita sentia-se mesmo feliz porque estava aprendendo a viver diferente. E disse para Júlia: “Sou uma flor azul no jardim do criador.” As duas amigas sorriram. Com ajuda de Rita, o jardim ficou mais bonito e perfumado. Ah! E outras flores, como a azul, nasceram ali e Rita já não era tão diferente assim. (CORGOZINHO, 2012, p.12)

A autora aborda a questão da deficiência ressaltando a unidade entre o individual e coletivo no desenvolvimento humano, representada pela amizade de Rita e Júlia, pois nas experiências vivenciadas com a colega há uma situação social de desenvolvimento que é potencial para o desenvolvimento da criança deficiente. Nesse sentido, a autora estabelece ainda uma analogia entre a flor azul e o desenvolvimento atípico de Rita ao longo do livro, para reforçar o discurso sobre a inclusão social, sem isentar os impactos sociais da deficiência no cotidiano da criança, que se constituem como elementos de superação e de novos caminhos de rodeio, conforme:

Assim, passou a valorizar cada momento de sua vida. Tudo o que fazia e aprendia, mesmo com dificuldade, era importante e faria alguém feliz. Muitas vezes Rita precisava da ajuda dos amigos, mas não deixava de brincar, passear, ler e ouvir histórias. Sempre encontrava uma maneira de fazer o que gostava. (CORGOZINHO, 2012, p.16)

O quarto livro analisado narra o encontro da menina Vitória, uma menina com deficiência física que utiliza prótese ortopédica, e a borboleta falante com seus diálogos sobre sonhos e planos futuros, sendo que ambas mantêm admiração uma pela outra.

A autora utiliza a voz de Vitória para explicar à borboleta falante e aos leitores o que causou a amputação da sua perna, que foi devido a complicações de diabetes. Mesmo trazendo aspectos do quadro clínico da diabetes, a autora utiliza uma linguagem clara e acessível ao público infantil.

Amiga borboleta é uma história triste, mas como prometi vou te contar. Nasci com uma doença chamada diabetes. Como você é borboleta e não sabe o que é, eu te ajudo a entender: diabetes é uma doença que nos deixa com o sangue doce. Eu não sei muito bem explicar, mas o médico, conversando com minha mãe, disse que essa doença acontece devido às altas taxas de açúcar no nosso sangue. Quem tem essa doença precisa cuidar bem da alimentação, comer mais frutas e verduras e evitar frituras. Aliás, todas as pessoas precisam cuidar da alimentação, para não adoecerem, e as pessoas diabéticas precisam se cuidar ainda mais. E ela continuou: — Sabe borboleta? No início, fiquei muito triste, não queria ter nascido assim, mas se nos cuidarmos, podemos viver uma vida mais saudável. Com seis anos, passei muito mal. Os médicos falaram que eu precisava fazer uma cirurgia de emergência e que devido às complicações da doença, tinha que amputar uma perna. Foi muito triste, mas os médicos falaram que era para o meu bem. Chorei muito e notei nos olhos dos meus pais a tristeza. Afinal, sou uma criança e tudo o que as crianças mais adoram é brincar de correr e comer doces. Só não podemos exagerar (ALEXANDRIA, 2019, p. 5-6).

Diferente das personagens retratadas nas obras anteriormente, que foram ajudadas para se autovalorizarem, Vitória é quem ajuda a borboleta falante, ela é a inspiração para o desenvolvimento da borboleta falante, conforme o parágrafo:

Você é uma menina muito forte, inteligente, sabe nadar como os peixinhos, sonha em ser enfermeira, linda profissão, cuidar das pessoas doentes! Vitória, o bom da nossa vida é sermos felizes, nos aceitarmos do jeito que somos, mesmo com as dificuldades. Tenho certeza de que você é um grande exemplo para seus amigos da escola, professores e familiares. E a menina, emocionada, deixou um belo recado para todos que não se aceitam como são. Ela ensinou que nós somos diferentes e únicos. (ALEXANDRIA, 2019, p. 9)

Desse modo, a potencialidade do desenvolvimento motor de Vitória supera a visão preconceituosa de falta ou incompletude, relacionada ao estigma social ligado à deficiência, pois a autora retrata as possibilidades de vivências e experiências possíveis à pessoa com desenvolvimento atípico, materializadas no processo de compensação desenvolvido pela personagem, que assume uma postura ativa no enfrentamento da deficiência.

O quinto livro analisado apresenta textos em português e em inglês, e há também uma versão do livro disponível em Braille. Diferente das outras obras analisadas, este livro não apresenta uma narrativa, sendo considerado um livro descritivo, no qual, ao longo das suas páginas, diversas deficiências, condições especiais de desenvolvimento e aspectos sociais são apresentados pelas autoras. Suas páginas são ricamente ilustradas, com traços marcantes e alto apelo imagético.

Nesse sentido, destacamos a obra pela representatividade de diferentes deficiências como a física, intelectual, auditiva e visual, trazendo também o autismo e a síndrome de Down e outros quadros clínicos que impactam o desenvolvimento, como a asma e o câncer. A autora utiliza frases simples para descrever as questões sobre esses quadros clínicos e os impedimentos que se organizam a partir deles em relação à potencialidade de desenvolvimentos, como: “Tenho asma. Uso medicação para melhorar.” Ou “Mesmo sem pernas, jogo videogame para me entreter.” (MATOS; BESSA, 2019, p. 8)

Alinhando as categorias de análise e o conceito de deficiência na Teoria Histórico-Cultural

A leitura de algumas boas obras literárias poderia ser muito mais eficiente e proveitosa, por permitir que o leitor possa viver outras vidas além da sua, vivenciar situações semelhantes ou complementares, entender melhor os mistérios do espírito humano e entender melhor a si mesmo.
Ana Maria Machado

A análise interpretativa das representações sobre deficiência, nas cinco obras citadas, possibilitou categorizar três dimensões, a saber: a) deficiência como falta ou diferença da normatividade, conforme as personagens florzinha encolhida, joaninha sem bolinhas e flor azul, destacando o papel de situações sociais de desenvolvimento; b) deficiência numa perspectiva eussêmica que se orienta para as potencialidades de desenvolvimento, apresentando possibilidades e novas formas das crianças em lidar com as novas situações sociais de desenvolvimento; c)

deficiência como decorrente de uma condição especial definida por quadros clínicos apresentados como um manual, um compêndio médico para crianças.

Nesse sentido, é relevante retomar o conceito de deficiência presente na obra *Defectologia*, de Vigotski (1997) que compreende o desenvolvimento atípico como um amálgama unitário entre questões biológicas e a construção social circundante da pessoa com desenvolvimento atípico.

Os livros analisados ressaltam tanto características físicas que marcam diferenças quanto aspectos sociais que organizam potencialidades de desenvolvimento. No entanto, trabalham com a ideia de autoaceitação como algo determinante e determinado para que a pessoa com deficiência se sinta incluída. Além disso, parecem estar marcados por visões dicotômicas excludentes, tais como alegria-tristeza, feliz-infeliz, diferente-igual, que vinculam as crianças a uma visão muito estreita em relação à complexidade humana, em que emocionalidades não são definitivas, em que valores simbólicos integram sentimentos, em que ora queremos ser iguais aos outros, mas há momentos em que desejamos fortemente nos diferenciar. Assim, bons sentimentos abstratos parecem se articular a um modelo idealístico de inclusão que não corresponde a reais necessidades e mudanças em relação a valores e conceitos

subjacentes às ações educacionais (MADEIRA-COELHO, 2003, p.101). Se concordarmos com Brandão e Rosa (2010), citadas anteriormente, sobre o valor da promoção de conversas em torno da atividade de leitura/escuta partilhada de histórias para elevar a capacidade de compreender e apreciar histórias e engajar os pequenos ouvintes na construção de sentidos sobre o mundo, fica a questão: será que não seria de valor vincular a imaginação das crianças a vivências estéticas mais desafiadoras e, nesse sentido, instigantes?

Desse modo, destacamos que as experiências emocionais e os processos imaginativos vivenciados pelas crianças decorrentes de uma situação social de desenvolvimento, nesse caso na relação estética com a literatura infantil, constituem o seu desenvolvimento narrativo (VIEIRA, 2015). De modo que a vida emocional está ligada à imaginação e ao intelecto e que consideramos que o aprendizado imaginativo envolve as nossas emoções na compreensão da arte enquanto técnica social do sentimento (VIGOTSKI, 1999). Reafirmamos a nossa compreensão sobre a articulação da emoção, imaginação e cognição (VIGOTSKI, 2009), e entendemos que no espaço social essa articulação é significada coletivamente e individualmente, pois o desenvolvimento humano se dá na unidade entre o individual e o social, preconizada pela teoria vigotskiana. ■

Notas

¹ As citações em epígrafe das autoras Ana Maria Machado e Ruth Rocha no corpo do artigo fazem parte da obra *Contando histórias, formando leitores* (2011).

Referências

- ALEXANDRIA, A. **A borboleta e a menina**. Brasília: Edição Independente, 2019.
- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- COELHO, N. N. **A literatura infantil**. 3ªed., São Paulo: Quíron, 1984.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORGOZINHO, L. **Viver diferente**. Brasília: Editora LGE, 2012.
- FRANCA, L. **A florzinha encolhida**. Brasília: Tagore Editora, 2017.
- MADEIRA-COELHO, C. M. Concepções sobre o processo de inclusão: a expressão de seus atores. **Linhas Críticas**, vol.9 (16), p.87-104, 2003. Em <https://doi.org/10.26512/lc.v9i16.3097>
- MADEIRA-COELHO, C. M. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2015.
- MACHADO, A. M.; ROCHA, R. **Contando histórias, formando leitores**. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2011.
- MATOS, G.; BESSA, C. M. **Somos todos especiais**. Brasília: Também quero ler, 2019.
- MELO, R. C. **Uma joaninha diferente**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- VIEIRA, D. C. S. da C. **A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18657/1/2015_DeboraCristinaSalesdaCruzVieira.pdf.

VIGOTSKI, L. **Obras Escogidas**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

YUNES, E. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, E. (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2005.